

Mouros e Cristãos: cultura e turismo de uma celebração globalizada*

ALBERTO A. ARAÚJO FERNANDES**

Além da sua dimensão social, as festividades têm tido a capacidade de se posicionarem como um dos principais atrativos turísticos para algumas localidades, sobretudo num contexto mais rural. A festa tradicional e popular, ancorada na história e (re)vivida ciclicamente pela comunidade, representa um importante ativo patrimonial, económico e turístico. São diversos os motivos que fundamentam a realização de uma celebração. Na sua esmagadora maioria, as festividades em Portugal, conciliam uma vertente religiosa com uma dimensão profana, sendo este um dos fatores que pode ajudar a compreender o seu poder de atrair multidões.

A Bugiada e Mouriscada de Sobrado é uma festa que anualmente acontece no dia de São João Batista em Sobrado, Valongo. Atrai 20 a 30 mil visitantes a uma vila onde os residentes não ultrapassam 7000. De igual forma também a diáspora sobradense viaja para participar na sua festa. Sendo uma festa que recria a luta entre Mouros e Cristãos, é também um exemplo vivo dessa

* Este trabalho é parte do projeto FESTIVITY – Festa, Património Cultural e Sustentabilidade Comunitária. Investigação e Comunicação no Caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado, cofinanciado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), com a referência PTDC/COM-CSS/31975/2017.

** Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Portugal.
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8714-4597>. E-mail: a3fernandes@gmail.com.

herança que atravessou o atlântico e é replicada um pouco por toda a América do Sul, estando na origem de múltiplas viagens cujo impacto em várias áreas contribui largamente para a importância crescente que as festividades têm no atual mundo globalizado.

O espaço e a festa

O conceito de ruralidade muitas vezes encontra-se difuso e apenas se objetiva, ainda que de forma superficial, de acordo com o contexto em que se utiliza. Contudo, o próprio conceito em si está longe de ser estático, estereotipado numa sociedade ligada exclusivamente a práticas agrícolas não industrializadas, espacialmente afastada dos centros urbanos densamente povoados e regida temporalmente pela alternância das luminárias naturais. As transformações sofridas no mundo rural, impulsionadas por alguma industrialização a partir da segunda metade do século XX, em muito motivadas pela generalização do acesso à eletricidade e por uma terceirização da economia sobretudo pela menor expressão das atividades primárias como a agricultura e a pecuária, conduziram a uma ruralidade moderna. O novo rural já não se encontra isolado, mas faz parte de uma aldeia global onde tudo está ligado. Ainda assim, esse mundo rural do passado, não raras vezes imaginado, adaptou-se a novas funções que passam pela sua promoção enquanto ativo turístico que proporciona experiências diferenciadoras aos seus visitantes. Segundo Peixoto (2004, 2), um progressivo “desaparecimento do mundo rural está associado a uma descoberta do património pelos meios rurais que conduz a uma segunda vida desses meios e, no limite, ao aparecimento de um outro mundo rural”. Neste novo rural estão presentes traços distintivos desse rural distante temporalmente que para gerações contemporâneas apenas existe numa memória induzida, mas não vivida. No entanto, é através dessa memória induzida, e orientada, do rural imaginado que situamos a autenticidade de algumas práticas, consideradas ancestrais, e cuja repetição transmitida geracionalmente trouxe até aos nossos dias. Muitas destas práticas não só subsistem como têm assumido uma crescente centralidade conferida pelas ressignificações que lhes foram sendo atribuídas. “Práticas e rituais perdiam o sentido que lhes era dado pela ligação íntima com a vida comunitária e a sua sobrevivência acontece hoje num enquadramento de significação muito distinto” (Ribeiro 2018, 44).

É indiscutível que quaisquer que sejam as práticas mantidas pelas comunidades, estas mantêm a sua função de sociabilidade entre os indivíduos, mas também a capacidade de alterar o ritmo de vida da era moderna. O mesmo

acontece com a festa que, atualizada para as atuais dinâmicas sociais, ocupa hoje um lugar central na atratividade territorial e nas políticas culturais locais devido à forte capacidade de atração turística, que gera importantes impactos económicos, e também devido à sua importância enquanto património cultural. A generalidade das festas populares são também uma montra do local onde se celebram pela diversidade de elementos que nelas se incluem. Unindo o cristão e o profano, elas conseguem atrair um leque alargado de participantes e visitantes.

A festa de São João de Sobrado é um exemplo dessa agregação de elementos diversos que confluem numa grande celebração a cada 24 de junho. “Nela convergem celebrações religiosas e profanas, danças e encenações ritualizadas, articuladas numa teia de sentidos nem sempre evidentes ou sequer decifráveis” (Pinto et al. 2016, 2). Radicada no universo das representações dos confrontos entre mouros e cristãos, o enredo da lenda, que de alguma forma serve de guião à sucessão de performances que acontecem durante todo o dia, tem por base a disputa da posse de uma imagem milagrosa de São João Batista que, após ser emprestada pelos cristãos aos mouros para curar a filha do rei, estes se recusam a devolver, instalando-se assim o cenário de conflito entre os dois grupos. Curiosamente, em toda a cerimónia religiosa, que inclui missa e procissão, apenas intervém o grupo dos mouros, aqui designados de mourisqueiros, carregando todos os andores que saem em procissão nesse dia.

A prática festiva ocorre tanto em contexto rural como urbano, contudo interessa aqui tecer algumas considerações sobre os diferentes tipos de festa, sempre colocando a ênfase na festa tradicional e popular. Ao contrário da festa institucionalizada sob o formato de evento, cuja motivação é assumidamente turística e comercial, na festa tradicional e popular, a recuperação, preservação e promoção das tradições locais estão intrinsecamente ligadas à sua realização. A festa popular tem por objeto principal evocar e celebrar um dado acontecimento ao qual a comunidade confere um determinado significado e, portanto, promove a sua continuidade transmitindo-a geracionalmente e afirmando uma identidade cultural que se baseia num sentir coletivo. Desde sempre que as comunidades têm necessidade de celebrar, e esse é o grande propósito de qualquer festa, independentemente da sua origem e prática ritual.

A vila de Sobrado mantém traços de ruralidade bem enraizados num passado recente em que a exploração da terra se configurava como a atividade quotidiana para a maior parte da população. A eletrificação do país a partir de meados do século XX potenciou o desenvolvimento industrial e a permitiu afirmação de fábricas como a CIFA – Companhia Industrial de Fibras

Artificiais, o que trouxe uma lógica de horários de trabalho por turnos a uma grande parte da população que até então mantinha nas práticas agropecuárias o seu modo de vida e acabou por impor um ritmo completamente diferente aos sobradenses (também noutras comunidades) com impactos a todos os níveis da vida social. A memória de um tempo antigo persiste coletivamente e a repetição destas celebrações ao longo do tempo, recriando e evocando práticas ancestrais, visam manter esse elo de pertença a um passado comum. A transição ocorre não nas práticas, mas no significado que lhes é atribuído por quem as executa.

Património turístico

A capacidade de atrair visitantes/turistas para um determinado evento social/cultural depende, contudo, de vários fatores. Certamente a dimensão afetiva é um motivo da maior importância para muitas das deslocações que ocorrem para assistir a um determinado evento¹, mas desde a localização geográfica às vias de acesso, às diversas estruturas locais como sejam a existência de unidades de alojamento e restauração, tudo conta para se poder presumir de boas condições de visitação.

É também necessário que os visitantes reconheçam ao acontecimento características relevantes que pesem na sua vontade de assistir presencialmente. A festa, enquanto produto cultural, comporta-se do ponto de vista do mercado da mesma forma que outros bens culturais. São características como a unicidade, a autenticidade e a singularidade que definem uma parte muito significativa do seu nível de atratividade. Além disso, a festa é também, do ponto de vista económico, um bem público pelo que, em princípio, não exclui ninguém do seu usufruto. Este racional económico é um dos principais argumentos para a sua crescente importância e centralidade nas políticas culturais locais. O facto de poder ser valorada e se tratar de uma herança, neste caso coletiva, faz com que a festa se assuma como um património cultural cada vez mais relevante para as comunidades, não apenas enquanto identidade cultural, mas também numa perspetiva de desenvolvimento económico. A cultura popular e o património imaterial são vistos pela indústria turística como uma forma de diversificação e distinção do produto básico do turismo cultural (Richards 2011, 13)

1 Esta dimensão afetiva está bem patente na diáspora sobradense (tal como noutras comunidades que celebram, anualmente, a sua festa maior) regressando a cada ano para participar e reviver a festa local.

e o crescente fenómeno de globalização estimulou ainda mais as comunidades locais a afirmarem a sua identidade reclamando essa herança cultural coletiva. Apesar da polissemia sobre o conceito de turismo e ainda mais quando adjetivado de cultural, ambos os conceitos verificam um crescente rol de segmentações que aumentam consideravelmente a sua abrangência.

Atualmente, falar de património não é apenas falar de uma herança nostálgica de um passado distante, mas sim de algo de que se espera que tenha a capacidade intrínseca de transmitir um modo de vida e de refletir uma cultura, o que hoje em dia é sinónimo de um forte valor acrescentado através da sua rentabilidade económica (Guillaume 2003, cit. Duque 2012, 156). Também do ponto de vista do poder local, é no património que reside um forte potenciador do desenvolvimento, dito sustentável, fomentando as economias locais através dos recursos endógenos, afirmando marcas territoriais e configurando a imagem externa dos próprios municípios.

De acordo com Richards (2011, 1) o “turismo cultural foi adotado globalmente por órgãos locais, nacionais e transnacionais” como é o caso da UNESCO. A validação do que é considerado como património cultural relevante é feita através de várias formas de classificação e de atribuição de “selos de qualidade” como uma inscrição no Inventário Nacional do Património Cultural ou, do ponto de vista internacional, na Lista Representativa da UNESCO, conferindo uma importante mais valia nessa luta pelo reconhecimento, e consequente visibilidade, à geografia da festa. Esta é, certamente, uma das razões pelas quais se assiste, cada vez com maior frequência, ao escalar do número de manifestações que procuram afirmar-se através de classificações e adjetivações, que servem os propósitos de comunicação e atratividade para a opinião pública, bem como os objetivos de desenvolvimento económico assente no setor turístico.

Também podemos assistir a esta espetacularização do discurso relativamente à festa da Bugiada e Mouriscada de Sobrado tida como a “maior festa de máscaras da Europa” (*Jornal Novo Regional* 2019). Ainda assim, e referindo-se ao caso português, Durand e Cunha (2014, 368) constataam que “a hegemonia alcançada pelos valores patrimoniais se traduz na consolidação de um notável consenso sobre o ‘património cultural’ enquanto ‘recurso económico’”. É a partir desta aceção que parte o maior argumento invocado como fundamento para os diversos processos de reconhecimento e validação do património cultural. No que respeita à Bugiada e Mouriscada de Sobrado, foi-lhe conferida a classificação de Fenómeno de Interesse Cultural Concelhio, em 1997, e em 2012 a Câmara Municipal de Valongo reforçou esse reconhecimento com a oficialização da Bugiada como Património Imaterial de Interesse Municipal, por

ser “uma das mais impressionantes manifestações culturais portuguesas” e um “bem cultural imaterial de inegável valor patrimonial, na Freguesia de Sobrado e no Concelho de Valongo”. Nesta deliberação, foi também tido em conta que “a festividade tem revelado um vigor que não dá sinais de esmorecer, mesmo na numerosa comunidade emigrante”, não esquecendo que a evolução das condições de vida dos sobradenses, e as próprias características da festa, “fizeram com que a festa tenha adquirido novos significados para as jovens gerações e tenha continuado a ser algo bem mais profundo do que uma mera representação teatral ou folclórica”. Esta classificação outorgada pelo poder local foi aprovada por unanimidade das forças políticas, confirmada posteriormente pela Assembleia Municipal, e feita também a pensar numa classificação de maior abrangência, como é o caso da inscrição na Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da UNESCO. Para o poder político, o património cultural é um tema geralmente transversal e consensual a todos os quadrantes partidários. Contudo, o ensejo para a sua salvaguarda e promoção vai muito além do seu valor cultural e pretende-se que este se assuma como uma alavanca na dinamização das economias locais através do efeito multiplicador dos impactos que lhes estão associados.

Do ponto de vista económico, o impacto causado pela realização de uma festa com as características da Bugiada e Mouriscada de Sobrado pode verificar-se a três níveis. Num primeiro nível, estão os diretamente relacionados com a organização da própria festa, maioritariamente feitos pela autarquia e associações (como é o caso da Associação Organizadora da Casa do Bugio e Festas de S. João de Sobrado) e pelos próprios indivíduos participantes na festa que adquirem ou alugam os seus trajes, incluindo aqui todo o tipo de contratações, alugueres, compras, seguros, entre outros. Num segundo nível, surgem os benefícios indiretos que são sobretudo os que têm origem nos visitantes. Aqui incluímos a restauração, transportes, alojamento, bem como compras diversas, em particular as relacionadas com o evento festivo como sejam os *souvenirs*. Também se podem somar aqui os efeitos induzidos que se dispersam além do tempo e do espaço físico nos quais se incluem a maior visibilidade e atratividade do local, mas também os empregos que são gerados em atividades relacionadas com a festa. O Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, centro interpretativo da Festa sob tutela da Câmara Municipal de Valongo foi instalado na vila de Sobrado em 2014, sendo um exemplo destes efeitos com origem na Festa.

“O turismo converteu-se num fenómeno sociopolítico muito poderoso com uma função pública importante” (Pereiro 2018, 224) mas apesar do

crescente número de visitantes que se desloca anualmente para presenciar a festa, Sobrado é uma vila cuja curta distância ao Porto, bem como a outros concelhos densamente povoados da Área Metropolitana do Porto, a torna mais um local de visitação do que destino turístico. Com uma escassa capacidade de alojamento, os maiores impactos económicos são absorvidos pelo setor da restauração, embora a sua localização próxima do local de origem da maioria dos visitantes possa minorar essa rentabilidade. Apesar do progressivo aumento do número de visitantes, a festa da Bugiada e Mouriscada de Sobrado tem alguns constrangimentos que a deixam aquém de poder concretizar todo o seu potencial, enquanto atrativo turístico. O facto desta festa se realizar durante o dia de São João Baptista, 24 de junho, com o primeiro momento do dia a acontecer às 8h da manhã (dança na casa do Reimoeiro), a existência de multitudinárias celebrações na noite de 23 para 24 em cidades tão próximas como Porto ou Braga, aliada a um escasso conhecimento desta celebração por uma grande parte de potenciais visitantes (mesmo de localidades próximas) são alguns dos pontos negativos que, contudo, também podem ser vistos como uma oportunidade para disponibilizar uma oferta diferenciadora e até complementar relativamente a estas outras festas próximas no tempo e no espaço.

Ainda assim, no caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado, o número de visitantes é apontado em órgãos de comunicação social entre as “cerca de 35 mil pessoas” (Agência Lusa 2015), “mais de 30 mil visitantes” (Pinto 2018) e as “dezenas de milhares” (Agência Lusa 2020). Embora não seja fácil quantificar o número de visitantes que se desloca a Sobrado no dia 24 de junho, estas estimativas refletem a capacidade de atração desta festa, mais ainda se tivermos também em consideração que o número de habitantes da vila não ultrapassa os 7000.²

Além das personagens que são interpretadas em números específicos da festa (sapateiro, mulher, cego, ajudante, lavradores, entrajadas, advogados), alguns mordomos e colaboradores de apoio à festa e dos músicos que acompanham os grupos de mouros e cristãos perfazendo perto de uma centena de pessoas, somam-se os mourisqueiros (entre 40 e 50) e os bugios (600 a 700), o que se traduz em aproximadamente 1000 pessoas com participação direta na festa. Se a este número forem adicionados familiares e amigos, que, apesar de indiretamente, estão inteiramente envolvidos com a festa, podemos aferir que

2 De acordo com os dados provisórios dos Censos 2021, a população residente na vila de Sobrado é de 6727. https://censos.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=131010887&att_display=n&att_download=y

a Bugiada e Mouriscada é vivida de forma muito próxima por uma grande percentagem dos habitantes da vila de Sobrado. A festa está bem viva dentro da comunidade e esse é um dos fatores que justifica a sua vitalidade e inabalável vontade de a celebrar mesmo neste tempo de pandemia em que a sua exteriorização não foi permitida por razões sanitárias.

Contudo, um elevado número de visitantes traz outras questões à própria integridade da festa. Os espaços onde são interpretados os diferentes números nem sempre têm a capacidade de acolher um número tão elevado de visitantes, e dá-se até o facto de alguns negócios locais preferirem fechar nesse dia, para celebrar a festa, do que estar abertos num dia em que previsivelmente a sua faturação seria bem superior aos dias comuns. O apelo para que os visitantes não ocupem o espaço tradicionalmente utilizado durante as performances tem sido constante e torna-se mais necessário em ocasiões como as Danças de Entrada ou a Prisão do Velho, que correspondem a momentos em que a multidão de assistentes é maior.

Mouros e Cristãos: a festa transatlântica

“A festa de S. João de Sobrado integra-se na tradição festiva europeia (presente também noutros continentes) designada por ‘festas ou danças de mouros e cristãos’” (Pinto et al. 2016, 3). Dela fazem parte um grupo de mouros — mourisqueiros — e um de cristãos — bugios — que durante todo o dia 24 de junhos vão “batalhando” sob a forma de danças que cada um representa em diferentes locais de Sobrado. A Bugiada e Mouriscada de Sobrado possui todos os elementos característicos desta tipologia de festa, tal como expostos por Martín (1993, 4).³ Em Sobrado, o inimigo (mouros) não aparece com a intenção de se apoderar de algo, mas sim de conservar a posse de algo que lhe foi cedido (imagem milagrosa de São João Baptista). Há um desafio expresso nas danças que, de alguma forma, visam afirmar a superioridade de cada um dos exércitos, e também durante o “Jintar”⁴ aquando da oferta de restos de comida, ao rei rival, em jeito de provocação. Há também uma batalha entre os dois grupos que, após o fracasso das negociações entre ambas embaixadas

3 De acordo com Martín, as festas de Mouros e Cristãos apresentam uma estrutura narrativa e elementos comuns que se repetem, com ligeiras *nuances*, em diferentes locais.

4 “Jintar” ou jantar é a designação da refeição que ocorre na Casa do Bugio, durante a manhã do dia 24 de junho. Esta refeição é feita pelos dois grupos em divisões e momentos diferentes.

cujas mensagens são transportadas por um mensageiro a cavalo sob o som de disparos de pólvora, resulta na tomada do castelo cristão pelos mourisqueiros e consequente captura do rei cristão, o Velho da Bugiada. Um elemento que, segundo Martín, é comum a esta tipologia de representações é a ajuda sobrenatural. Após a súplica do Velho, surge uma figura sobrenatural/mitológica na forma de uma Serpe da qual o exército mouro foge apavorado deixando liberto o rei cristão. Ainda segundo Martín, “a representação termina com o inimigo neutralizado (prisioneiro ou convertido)” (Martín 1993, 5) algo que, no caso de Sobrado, não é de todo verdade. Apesar de se restabelecer a ordem anterior (em que a imagem milagrosa era pertença dos cristãos), o grupo dos mouros continua em liberdade, como no momento anterior ao conflito, em que segundo a lenda conviviam ambos no mesmo espaço, não convertido, mas resignado.

A origem das festas de Mouros e Cristãos está bem delimitada cronologicamente e também na sua geografia. Ligadas à reconquista cristã da Península Ibérica, elas ocorrem inicialmente em Espanha, e a sua prática estendeu-se, praticamente, a todo o território espanhol no sentido Norte-Sul. O longo período de quase oito séculos compreendido entre a batalha de Guadalete, em 711, e a conquista do Reino de Granada, em 1492, deixou incontáveis episódios de confronto entre mouros e cristãos, com exércitos liderados por lendários heróis que se digladiaram em épicas batalhas cujos ecos perduram através das representações populares. Um dos primeiros registos da representação da dança de mouros e cristãos, em contexto festivo, ocorre no casamento do conde Ramón Berenguer IV de Barcelona, em 1150, possivelmente como forma de celebrar a conquista da cidade de Lérida no ano anterior (Hertel 2018, 49). A representação destas festas foi utilizada como forma de promover o cristianismo como religião dominante e do bem em oposição ao mal, ao mouro, ao não cristão, ao outro. A repetição periódica da celebração das vitórias obtidas pelos cristãos em muito contribuiu para a difusão do cristão vencedor enquanto arquétipo da moral e da religiosidade dominante.

Carlos Magno (742-814), e os seus Doze Pares de França, foi um exemplar modelo do bem e da superioridade cristã sobre os mouros. Foi imortalizado na *Chanson de Roland*, obra fundadora da literatura medieval francesa escrita por volta de 1100 (Álvares 2014, 268), e que teve uma grande difusão levando também a que fossem criadas várias versões, possivelmente impulsionadas pelas transformações a cada tradução ou cópia. Como refere Macedo (1999, 141) “a imagem póstuma do imperador da ‘barba florida’ tinha vitalidade suficiente para atender às demandas espirituais de grupos muito diferentes entre

si.” Importa aqui reter que o essencial destes relatos magníficos é a mensagem da vitória cristã e da conversão dos mouros ao cristianismo. Isso está bem patente na batalha entre Oliveiros (um dos Doze Pares) e Ferrabrás (filho do Almirante Balaão e irmão de Floripes) que termina com a conversão destes ao cristianismo, bem como com o casamento entre a princesa Floripes com um dos cavaleiros de Carlos Magno, Gui Borgonha. Este episódio passou da literatura para a representação popular e, apesar de Carlos Magno nunca ter pisado solo português, é possível assistir a esta representação, anualmente, no Largo das Neves.⁵ De igual forma, nem Carlos Magno nem os mouros estiveram na América do Sul, mas a sua representação continua a estar.

O final da reconquista cristã na Península Ibérica ocorre num período particularmente intenso da história peninsular. Com o final dos conflitos internos estavam criadas condições de estabilidade para explorar o imenso desconhecido além-mares. Quer Portugal, quer Espanha lançam-se na aventura marítima “descobrimo” territórios e tornando a cristianização do novo mundo numa missão para ambos os países ibéricos. O processo de cristianização, nem sempre pacífico, ocorreu sob diversas formas e recorrendo a todo o tipo de elementos que serviam esse propósito. Além da introdução de elementos e da adoção de rituais cristãos, também muitos dos elementos simbólicos existentes ganharam uma ressignificação para o universo cristão. A festa de mouros e cristãos enquanto celebração da superioridade cristã também foi um instrumento utilizado neste processo de inculturação, embora com algumas adaptações em função das especificidades locais. Sobre as desventuras de Carlos Magno e dos Doze Pares de França, Macedo (1999, 248) constata que “a longa tradição oral e a compilação da escrita acerca de Carlos Magno e de seus companheiros transportaram-se, juntamente com o elemento colonizador, para terras americanas” acrescentando que sobre a sua difusão “em regiões de colonização espanhola e portuguesa, o início de sua penetração pode ser assinalado já no século XVI, com a conquista do território”. A apropriação da temática das festas de mouros e cristãos, em particular pelos povos latino-americanos pode ser constatada pelas cerca de 1200 festas registadas em quatro continentes, com Espanha e México a liderarem o número de realizações (Pérez 2016, 32) mas também para o surgimento de novas manifestações em países como a Índia, Hong Kong, Austrália ou Nova Zelândia (*Ibidem*, 33).

5 O Largo das Neves, onde ocorre o Auto de Floripes a cada 5 de agosto, é um lugar comum às freguesias de Barroelas, Mujães e Vila de Punhe, pertencentes ao concelho de Viana do Castelo.

E tal como a Bugiada e Mouriscada em Sobrado, também noutros países são eventos muito relevantes para as comunidades, sobretudo pela sua capacidade de atração de visitantes, de dinamização da atividade económica, e do contributo para a identidade cultural das comunidades em torno de uma memória comum. A importância destas festas na dinamização turística dos locais onde se realizam expressa-se num elevado fluxo de visitantes que se desloca com o propósito de assistir a estas recriações. A espetacularidade e a importância histórica de algumas delas são os principais fatores de atração turística e, no caso espanhol, algumas delas estão classificadas como bens de interesse turístico internacional,⁶ casos de Alcoy, Villajoyosa ou Crevillent, enquanto outras possuem essa classificação ao nível nacional e outras ao nível provincial. Realizam-se, anualmente, aproximadamente 300 festas de Mouros e Cristãos em Espanha.

Em Portugal, o Auto de Floripes no Lugar das Neves e a Bugiada e Mouriscada de Sobrado são as representações com maior vitalidade, e que ocorrem regularmente. Se sobre a importação desta representação para Portugal, a proximidade geográfica, cultural e até linguística parecem ser aspetos explicativos da sua presença, ela também já foi mais expressiva do que o é atualmente, tal como expresso por Martins e Palinhos (cit. Guerra 2013, 119) referindo que esta temática esteve presente no passado, sob diferentes designações, no teatro popular português em Ribeira (Ponte de Lima), Palme (Barcelos), Argozelo (Vimioso), Vale Formoso (Covilhã), Pechão (Olhão), etc.

Ao Brasil, Carlos Magno e os seus cavaleiros chegam sobretudo à região nordestina, pela literatura de cordel e pelo teatro popular. Em Pirenópolis, Goiás, realiza-se sob a forma de representação equestre. Além dos milhares de pessoas que se deslocam para assistir às Cavalhadas onde mouros e cristãos se fazem representar por dois grupos de cavaleiros, esta festa, inscrita como Património Imaterial em 2010 (Silva 2018, 83), tem sido também responsável por transformações ocorridas na própria cidade como, por exemplo, a construção do “cavalhódromo” onde se concentram as diferentes performances. Contudo, além da região do nordeste brasileiro, também são referidas realizações destas manifestações em “Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul” (Macedo 1999, 152). Sobre as representações de mouros e cristãos no Perú, tendo por base a gesta de Carlos Magno, Valderrama (2005, 132) refere que “a primeira dança conhecida durante a Colónia é a dos Doze Pares de França”. E na ilha do Príncipe, em São

6 <https://turismo.gob.es/desarrollo-sostenibilidad/fiestas/Paginas/Fiestas-de-Inter%C3%A9s-Tur%C3%ADstico-internacional.aspx>

Tomé e Príncipe, o Auto de Floripes recria a luta entre mouros e cristãos e é a atração principal das mais importantes festas populares da ilha.

Concluindo

A festa de Mouros e Cristãos, de uma forma generalizada, é um claro exemplo de uma tradição inventada, de acordo com Hobsbawn, mas haverá alguma que o não tenha sido? Neste caso específico a invenção ultrapassou barreiras geográficas à boleia dos conquistadores. A sua repetição, e exportação, numa primeira fase serviu a eternização de feitos heroicos, batalhas e vitórias sobre os mouros estimulando uma memória coletiva e a imposição da religião cristã num contexto de expansão marítima. Esta permanece, e “tanto a Metrópole, que a exportara, quanto algumas de suas Colônias, que prazerosamente a acolheram, mantêm até os dias atuais reminiscências das aventuras carolín-gias” (Macedo 1999, 146). De acordo com Martins e Palinhos (2013, 123), “os autos populares seriam também transportados e representados nas naus, como forma de entretenimento nas longas viagens.” Só assim se justifica a utilização de personagens cuja origem se encontra bem documentada, cronológica e geograficamente, em localidades tão remotas. Desta forma, o fluxo de pessoas foi, necessariamente, acompanhado por uma bagagem cultural muito presente na Península Ibérica e que se fundiu com elementos indígenas. Cascudo refere que “o idioma castelhano era tão vulgar em Portugal quanto o português” (1967, 384), acrescentando que “todo o Norte brasileiro, numa permuta de irradiação folclórica justifica o processo da continuidade temática, avivada pela identidade dos mesmos motivos sociais, de trabalho, luta, melodia, lirismo, religião que tomava os aspectos inevitáveis de culto ao sabor da mentalidade colectiva”. Assim, aproximadamente 500 anos antes do advento das indústrias culturais e criativas, a festa de Mouros e Cristãos terá sido um dos primeiros produtos culturais a ser exportado da Europa para a América. Além do papel evangelizador numa aculturação imposta aos povos indígenas, a festa contribuiu também para colocar algum eufemismo no desenvolver das relações de convivialidade entre conquistador e conquistado.

Atualmente, estas festas são importantes bandeiras dos territórios onde se celebram, estão no centro do discurso político e geram significativos impactos económicos potenciadores de desenvolvimento. São também marcos incontornáveis de uma cultura popular cujas comunidades interiorizaram e se apropriaram como sendo genuinamente suas constituindo-se como pilares inabaláveis da sua identidade cultural.

Bibliografia

- AGÊNCIA LUSA. 2015. “Bugiada de Valongo espera 35 mil visitantes enquanto trabalha para Património Mundial”. *RTP Notícias*, 22 de junho. https://www.rtp.pt/noticias/cultura/bugiada-de-valongo-espera-35-mil-visitantes-enquanto-trabalha-para-patrimonio-mundial_n838779.
- AGÊNCIA LUSA. 2020. “Festa da Bugiada e Mouriscada de Sobrado quer ser Património Cultural Imaterial”. *Observador*, 21 de junho. <https://observador.pt/2020/06/21/festa-da-bugiada-e-mouriscada-de-sobrado-valongo-quer-ser-patrimonio-cultural-imaterial/>.
- ÁLVARES, Maria Cristina Daniel. 2014. “La Chanson de Roland”. In *Grandes Epopeias da Antiguidade e do Medievo*, org. Dominique Santos, 266-293. Blumenau: Edifurb. <http://hdl.handle.net/1822/33314>.
- BRISSET MARTÍN, Demetrio Enrique. 1993. “Clasificación de los ‘moros y cristianos’”. *Gazeta de Antropología* 10: 12. <http://hdl.handle.net/10481/13641>.
- CÂMARA MUNICIPAL DE VALONGO. 2012. *Ata da reunião da Câmara Municipal do dia 17 de maio de 2012*. <https://www.cm-valongo.pt/uploads/document/file/1124/5591096233d82.pdf>.
- CATALÀ PERÉZ, Daniel. 2016. “La fiesta de Moros y Cristianos y su extensión en todo el mundo: una visión abierta e integradora”. In *Moros y Cristianos Un patrimonio mundial IV Congreso Nacional y I Internacional*, ed. Gabino Ponce Herrero, vol. I, 29-45. Alicante: UNDEF, Universidad de Alicante.
- CASCUDO, Luís da Câmara. 1967. “Terras de Espanha. Voz do Brasil (confrontos e semelhanças)”. *Revista de Etnografia* VIII (2): 361-385.
- DUQUE, Eduardo Jorge. 2012. “El patrimonio como fuente de desarrollo sostenible en las regiones del interior norte de Portugal”. In *Museos y Turismo: Expectativas y Realidades*, ed. Iñaki Arrieta Urtizberea, 155-177. Bilbao: Universidad del País Vasco. <http://hdl.handle.net/1822/24014>.
- DURAND, Jean-Yves, e Manuela Ivone Cunha. 2014. “Del patrimonio cultural a la transición patrimonial. Un ritual festivo en el noroeste de Portugal”. In *Saberes Culturales: Homenaje a José Luis García García*, ed. María Cátedra Tomás & Marie José Devillard, 361-373. Barcelona: Edicions Bellaterra. <http://hdl.handle.net/1822/29618>.
- HERTEL, Patricia. 2018. “Juegos de Identidad. Las fiestas de moros y cristianos como difusoras de una narrativa histórica nacional”. *Revista Didáctica de las Ciencias Experimentales y Sociales* 35: 45-58. <https://ojs.uv.es/index.php/dces/article/view/13679/pdf>.
- JORNAL NOVO REGIONAL. 2019. “Bugiada e Mouriscada volta a atrair milhares de pessoas a Sobrado”. *Jornal Novo Regional*, 22 de junho. <https://www.jornalnovoregional.pt/2019/06/bugiada-e-mouriscada-volta-a-atrair-milhares-de-pessoas-a-sobrado/>.

- MACEDO, José Rivair, & Márcia Janete Espig. 1999. "De Roncesvales ao Contestado: ressignificações da memória carolíngia na Península Ibérica e no Brasil". *Estudos Ibero-Americanos* 25 (1): 135-159. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.1999.1.25565>.
- MARTINS, Moisés de Lemos, & Jorge Palinhos. 2013. "Teatro popular português: Auto de Floripes e as origens e significado do teatro no espaço lusófono". *Revista Ensaio Geral* 5 (10): 114-131. <http://hdl.handle.net/1822/30067>.
- PEIXOTO, Paulo. 2004. "O desaparecimento do mundo rural". Comunicação apresentada no VIII Congresso Luso-afro-brasileiro de ciências sociais. <https://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel11/PauloPeixoto.pdf>.
- PEREIRO, Xerardo, & Filipa Fernandes. 2018. *Antropologia e Turismo: teorias, métodos e praxis*. Tenerife: PASOS, RTPC.
- PINTO, Fernanda. 2018. "Milhares de pessoas esperadas nas Bugiadas e Mouriscadas de Sobrado". *Verdadeiro Olhar*, 22 de junho. <https://www.verdadeiroolhar.pt/2018/06/22/milhares-de-pessoas-esperadas-nas-bugiadas-e-mouriscadas-em-sobrado/>.
- PINTO, Manuel, Rita Ribeiro, Maria João Nunes, Emília Araújo, Luís Santos, Luís Cunha, Albertino Gonçalves, Moisés Martins, & Jean-Yves Durand. 2016. "Bugiada e Mouriscada de Sobrado: a festa como património". In *Congresso Ibero-Americano Património, suas Matérias e Imatérias*, ed. Marluci Menezes, José Delgado Rodrigues & Dória Costa. Lisboa: LNEC/ISCTE-IUL. <http://hdl.handle.net/1822/56775>.
- RICHARDS, Greg. 2011. *Cultural Tourism: global and local perspectives*. New York, NY: Routledge.
- RIBEIRO, Rita. 2018. "Património cultural, comunidade e reflexividade". *Veduta* 12: 42-47. <http://hdl.handle.net/1822/59801>.
- SILVA, Bruno Goulart Machado. 2018. "Cultura popular, turismo e património nas Cavalhadas de Pirenópolis". *Áltera – Revista de Antropologia, João Pessoa* 1 (6): 69-95. <https://periodicos.ufpb.br/index.php/altera/article/view/41696/20861>.
- VALDERRAMA, Milena Cáceres. 2005. *La fiesta de moros y cristianos en el Perú*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú. <http://repositorio.pucp.edu.pe/index/handle/123456789/173293>.